



**24° ENANCIB**  
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação  
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação  
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



**XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB**

**ISSN 2177-3688**

**GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação**

**CULTURA E INFORMAÇÃO NA FOTOGRAFIA DA PERIFERIA URBANA: ASPECTOS  
MEDIACIONAIS**

***CULTURE AND INFORMATION IN PHOTOGRAPHY OF THE URBAN PERIPHERY: MEDIATIVE  
ASPECTS***

**Luiz Tadeu Feitosa – Universidade Federal do Ceará (UFC)**

**Paulo Marcelo Freitas Vieira – Universidade Federal do Ceará (UFC)**

**Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** Aborda a produção fotográfica de fotógrafos da periferia da cidade de Fortaleza, Ceará, com vistas a desmistificar os estigmas hegemônicos advindas do olhar dos outros, cujas fotografias são feitas de dentro para fora das comunidades periféricas. Nesse sentido, o estudo objetiva investigar como os fotógrafos da periferia utilizam a fotografia como instrumento de afirmação e mediação estética, cultural e informacional, com vistas a uma nova visão e representação dela. Em relação aos aspectos metodológicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, sendo exploratória quanto aos objetivos e de natureza qualitativa. Além disso, foi realizada inicialmente uma pesquisa de campo visando um contato informal com os fotógrafos, que depois serão entrevistados e suas produções analisadas conforme o método da análise de conteúdo. Outrossim, as periferias fotografadas serão investigadas por imersão do pesquisador, seguido de análise de suas representações pela mídia, para, em momento oportuno, cruzar com os dados das fotografias e suas recepções pelos sujeitos de cada comunidade. Por conseguinte, apesar de o estudo estar em fase inicial, as considerações parciais demonstram que a fotografia tem o potencial de transformar a percepção estigmatizada que se tem das periferias, sendo utilizada como uma ferramenta mediacional. A partir disso, de forma visual, os próprios moradores passam a ter um espaço para mostrar suas vivências e os registros permitem criar novas formas de entendimento cultural através de exposições e outras plataformas.

**Palavras-chave:** fotografia de periferia; mediação cultural; mediação da informação.

**Abstract:** This study addresses the photographic production of photographers from the peripheral areas of Fortaleza, Ceará, aiming to demystify the hegemonic stigmas arising from external perspectives. These photographs are taken from within the peripheral communities, offering an inside-out view. The study seeks to investigate how photographers from these areas use photography as a tool for aesthetic, cultural, and informational affirmation and mediation, with the goal of fostering a new vision and representation of their communities. Regarding methodological aspects, this is a bibliographic and documentary research, exploratory in its objectives and qualitative in nature. Additionally, initial field research was conducted to establish informal contact with the photographers,

who will later be interviewed, and their work analyzed using content analysis. Furthermore, the photographed peripheral areas will be explored through researcher immersion, followed by an analysis of their representations in the media, which will then be cross-referenced with the photographic data and the reception by community members. Consequently, although the study is still in its initial phase, preliminary considerations indicate that photography holds the potential to transform the stigmatized perceptions of these peripheral areas, serving as a mediational tool. Through this process, residents gain a visual platform to showcase their experiences, and the photographic records allow for the creation of new cultural understandings through exhibitions and other platforms.

**Keywords:** peripheral photography; cultural mediation; information mediation.

## **1 INTRODUÇÃO**

Quem acompanha a fotografia cearense sabe como ela é marcada fortemente por uma tradição documental que, durante muitos anos, esteve voltada aos registros de referências culturais e paisagísticas do sertão, especialmente do Cariri, e do litoral cearense. Inevitável não deixar de citar como exemplos ensaios marcantes, que tiveram grande repercussão no meio, como *Mucuripe*, de Chico Albuquerque publicada em 1989, *Benditos*, de Tiago Santana em 2001, *Coração Sertão*, de Gentil Barreira em 2014, e a mais recente, *Santo Sertão*, de Sérgio Carvalho, lançada no ano de 2021. A religiosidade, os festejos populares e a saga do povo sertanejo ou a coragem desbravadora do jangadeiro sempre foram temas bastante recorrentes na fotografia do Estado do Ceará.

No entanto, é possível perceber que, nos últimos anos, a dicotomia mar e sertão tem dividido o foco das lentes com o tema da cidade. O cenário urbano vem se sobressaindo no campo da fotografia cearense, como “um novo regime de visualidade” e “novas formas de ver e mostrar” (Reis Filho, 2017, p. 112). Dentro dos mais variados modos de ver a cidade através da fotografia, esta pesquisa, ora em curso no Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará (PPGCI-UFC), está voltada a estudar um movimento mais específico, que tem buscado expandir a percepção da sociedade sobre a periferia urbana de Fortaleza. Desse modo, busca expor um olhar, ressalta-se, de dentro para fora, de quem vive no contexto da periferia e possui, portanto, lugar de fala.

Cabe salientar que este movimento não é exclusivo da capital cearense. No Brasil, experiências similares acontecem em outros estados, em alguns casos, fomentados por políticas públicas ou projetos sociais situados em favelas urbanas do País. Um exemplo a ser citado é o do Rio de Janeiro, onde o Observatório de Favelas – Organização da Sociedade Civil

de Interesse Público (OSCIP) com atuação da Favela da Maré –, criou em 2004 a Escola de Fotógrafos Populares (EFP), que de acordo com o professor e fotógrafo Dante Gastaldoni em entrevista à Revista ZUM (2020), tem com o objetivo de “capacitar jovens da favela a se tornarem fotógrafos e comunicadores populares com uma visão crítica da própria favela”.

Na cidade de Fortaleza vem surgindo vários(as) fotógrafos(as) oriundos(as) das mais diversas periferias nas quais atuam, de forma autônoma ou em coletivos, com “produções centradas em temáticas registrando o cotidiano dos espaços onde vivem/ocupam”. (Baltar, 2022, p. 109). Temos, ainda, a exposição Serrinha Luz e Cores, do fotógrafo Yuri Juatama, exposta no Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ), em 2019, cujo objetivo é “elevar a autoestima do bairro [...] através de uma nova perspectiva imagética [...] que dialogam com a diversidade da periferia” (Oliveira, 2020) e suas narrativas.

É no contexto dessas preocupações iniciais, e das perspectivas daí advindas, que esta pesquisa vem a delinear algumas questões ou pontos de partida, já que almeja investigar a relação das imagens destes fotógrafos com o lugar onde moram. A partir disso, surgem os questionamentos: Como os jovens fotógrafos da periferia são impactados pelo discurso hegemônico e estigmatizante sobre a periferia? O que move o surgimento de uma produção fotográfica oriunda da periferia e de que forma estes fotógrafos atuam como agentes de informação? Que discursos imagéticos produzem e qual é o olhar da periferia de quem nela mora? Por que a escolha da fotografia enquanto linguagem para essas representações das periferias e como se apropriaram das técnicas fotográficas para esse fim? De que modo e em que sentidos esse tipo de fotografia expõe, explicita ou sugere mediações culturais que oriente outros olhares e sentidos para as periferias e, de modo igual, operam mediações da informação oriundas dos fluxos informacionais que essas fotografias promovem, capazes de desconstruir preconceitos e estigmas e desenvolver nos(as) moradores(as) processos identitários e de pertencimento?

Contextualizados os problemas de pesquisa nesses termos, convém realçar o papel que as leituras sobre os paradigmas sociais da Ciência da Informação nos deram como norte. Do mesmo modo, salientar a pesquisa também se volta à análise das “complexas mediações” (Feitosa, 2016) da informação nessas perspectivas investigativas, tanto nos seus aspectos mais gerais – isto é, mediação cultural de natureza antropológica –, como nos aspectos próprios do fazer fotográfico – a mediação da informação –, onde tanto as imagens como o olhar do

fotógrafo mediam relações que se estabelecem entre os contextos periféricos fotografados e as mediações que se pode fazer disso com os imaginários e olhares sobre as periferias.

Uma das justificativas desta proposta investigativa vem do fato de esses espaços urbanos, em linhas gerais, têm sido investigados como reflexos de um modelo econômico segregador das grandes cidades. Processos migratórios, falta de planejamento urbano aliado ao crescimento exponencial das populações das grandes metrópoles, ausência ou inadequação de políticas públicas, dificuldade de acesso a direitos fundamentais, invisibilidade e exclusão urbana são outros elementos que tornam a periferia uma questão social bastante estudada e debatida nas universidades, nas mais diversas áreas.

Especialmente quando a periferia conseguiu, por meio de um protagonismo próprio – ou seja, pela militância política, o rap e o hip-hop – e por projetos sociais como os desenvolvidos pela Central Única das Favelas (CUFA). Investigações jornalísticas nesses contextos de periferia e suas representações midiáticas vêm realçando um latente desejo destes jovens de periferia se expressarem a partir do ato fotográfico; um desejo de visibilidade – social, cultural e política – e de afirmação de um segmento social que merece a atenção de todos.

Compreender a dinâmica destes fotógrafos, o uso das técnicas e suportes da fotografia como instrumento de mediação da informação – e as mediações culturais que ensejam esse mediar informacional –, bem como o alcance do discurso imagético contra hegemônico proposto por eles é compreender como a fotografia pode ajudar a romper com estigmas e cumprir um papel social na construção de um imaginário diferenciado sobre a periferia. É compreender também como a informação pode ser um mecanismo catalisador de ações de cunho transformador e mediacional nos muitos contextos e complexidades, como afirma Feitosa (2016).

Alguns trabalhos acadêmicos abordam a temática da fotografia como ferramenta de educomunicação ou educação para a mídia na periferia. No entanto, a presente pesquisa objetiva justamente investigar o impacto das linguagens e dos fluxos informacionais imagéticos presentes nas imagens e nas práticas do fazer fotográfico destes jovens enquanto possibilidade de afirmação e mediação informacional e cultural, capaz de romper com a retórica de criminalização dos(as) moradores(as) das favelas tão presente no discurso midiático que circula na sociedade. É sob essa perspectiva que entendemos a relevância desse

trilhar investigativo, principalmente sob as perspectivas social, cultural e científica, como abordados no campo da Ciência da Informação.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é investigar como os fotógrafos da periferia utilizam a fotografia como instrumento de afirmação e mediação estética, cultural e informacional, com vistas a uma nova visão e representação dela.

Como objetivos específicos elencamos os seguintes: a) Identificar as produções dos jovens fotógrafos da periferia e analisar o que elas revelam sobre os contextos destas e como surgem representações contrárias aos estigmas sociais vigentes; b) Identificar, caracterizar e analisar os jovens fotógrafos periféricos como agentes de informação e a fotografia do cotidiano da periferia como ferramenta de mediação cultural e informacional; e c) analisar ensaios ou produção fotográfica dos jovens a fim de examinar as potencialidades representacionais e mediacionais imagéticas nos contextos das periferias representadas.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Periferia e cotidiano**

O termo periferia do qual tratamos aqui vai além de uma definição meramente geográfica, para além de um espaço localizado nos arredores dos centros das cidades. As periferias são, na verdade, condições urbanas, onde vive um grande contingente populacional. Conforme Jusciane Matos (2021) na publicação Atlas das Periferias no Brasil, que utilizou dados do censo de 2010, cerca de 11.425.644 pessoas moram nas periferias.

A bibliografia especializada apresenta vários conceitos e teorias sobre o assunto. Escolhemos aqui uma visão explorada pela mídia sobre o tema, que pode ensejar discussões sobre os estigmas representacionais desses contextos. Neste sentido, Freitas (2011) faz o seguinte comentário a respeito da palavra periferia:

Periferia tornou-se o termo utilizado com mais frequência no discurso da mídia brasileira em geral para designar de forma genérica o lugar onde vivem os pobres, marginalizados ou excluídos. Essa maneira de nomear parece uma tentativa de suprimir a necessidade de referir-se à complexidade entranhada nas áreas urbanas construídas pela mobilização de pessoas que, movidas por dinâmicas vinculadas às especificidades de cada lugar, ergueram moradas em desacordo com regulamentações oficiais. (Freitas, 2011, p. 21).

Historicamente, as periferias urbanas convivem com a negação de direitos essenciais, como o direito à saúde, educação, saneamento, cultura, segurança, moradia digna, entre tantos outros. Este contexto desfavorável as torna suscetíveis a diferentes formas de

violência, aspecto bastante presente no discurso midiático. Mas, são também locais e espaços de resistência política, atividade econômica e laboral, criatividade cultural e convívio social. D’Andrea (2013) realça a contribuição dos movimentos populares e coletivos artísticos oriundos das comunidades periféricas para a apropriação do conceito de periferia pelos seus moradores, estabelecendo novos significados e crítica política ao poder público e à sociedade.

Assim, falar de periferia implica falar de cotidiano, conceito tratado aqui sob a perspectiva cereteuniana (Certeau,1998). Trata-se de um ambiente de possibilidades, imprevisibilidades e rupturas, onde o homem anônimo, agente de seu próprio espaço e tempo, exercita a inconformidade. O cotidiano, segundo Certeau (1998), apresenta fenômenos dinâmicos de construções socioculturais de sentidos, que norteiam as ações individuais ou em grupos.

Para o autor, no ambiente do cotidiano, o consumo de bens culturais materiais e imateriais não acontece de forma passiva e o indivíduo comum e anônimo, muitas vezes silenciado, invisibilizado se apropria destes bens para recriá-los, ressignificá-los, modificar seus usos para buscar vantagens em proveito próprio ou de um grupo ou comunidade. São as chamadas “artes de fazer” ou “táticas de resistência” adotadas pelo homem ordinário com o intuito de alterar objetos, códigos, representações simbólicas institucionalizadas para estabelecer uma reapropriação do espaço (Certeau, 1998).

Outrossim, o autor argumenta que as estratégias são ações oriundas do “postulado de um poder” (Certeau, 1998, p. 96) e táticas são ações para o enfrentamento da “ausência de poder”. Isso será importante para esta pesquisa, uma vez que precisamos conhecer os cotidianos das periferias para entender suas táticas e estratégias cotidianas, assim como suas reformulações pelos fotógrafos de periferia. De modo igual, para entender como mediações informacionais em contextos fotográficos podem mediar visões estereotipadas e estigmas das periferias.

Para Certeau, (1998, p. 161), a “invenção dos cotidianos” é o espaço simbólico onde os sujeitos e suas “artes do fazer” tecem e constroem seus cotidianos nas cidades, com possibilidades de rupturas à ordem social estabelecida e às relações de poder às quais todas as culturas e sociedades enfrentam.

No tocante às periferias em relação aos espaços urbanos onde se encontram, construiu-se sobre elas um imaginário estigmatizante ao longo dos tempos, sempre reforçado por uma abordagem midiática, aliada à ausência do Estado, que buscam a todo momento

reduzir e impor à periferia a ideia de espaço de violência e pobreza, como se não houvesse escapatória aos seus moradores se não conviver com as adversidades locais.

Contudo, no cotidiano da periferia é possível observar, na perspectiva certeuniana, que se faz uso de táticas e artimanhas que são contraponto a este estigma. Desse modo, a partir da nossa experiência no projeto Rolé Fotográfico – uma iniciativa de estímulo à fotografia de rua nas periferias – ou no Projeto Patrimônio para Todos, promovido pela Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho, é possível observar tais subversões em vários níveis.

Estão, por exemplo, nos dias quentes, em que é possível se deparar com inúmeros jovens – chamados localmente de *jumpers* – pulando da Ponte Velha do Poço da Draga para se refrescar no mar. Estão nas escolas de surf do Titanzinho, no grande Mucuripe. Estão nos campeonatos de futebol da comunidade Santa Filomena ou na Liga dos Peões, projeto de ensino de xadrez na comunidade Euclides, ambos no Jangurussu, e nos saraus e bibliotecas comunitárias, como a Livro Livre, no Curió e a Viva Palavra, na Serrinha.

São nesses espaços, por exemplo, que os fotógrafos da periferia atuam como mediadores de informação, mostrando para fora o olhar de dentro e as táticas subversivas da ordem social. Aliás, são os próprios fotógrafos periféricos, em seu ato imagético, criadores de táticas de resistência, de um contradiscurso que age como uma voz divergente.

## **2.2 Fotografia: entre a reprodução e uma reconfiguração do real**

Desde sua origem, a fotografia sempre esteve vinculada à ideia de reprodução ou espelho do mundo real, ou seja, um registro, um testemunho ou uma prova imagética da existência de um objeto-referente. Segundo a semiótica, o objeto-referente seria o objeto fotografado representado pelo signo (neste caso, a fotografia) produzido pela câmera. Isto é, a fotografia seria como um sinal, indicação ou uma “emanação de seu referente” (Dubois, 2009, p. 60) e a classifica como uma imagem-ato, que sofre influência das circunstâncias que precederam sua existência (tendo em vista que quem registra uma imagem, antes de ser o autor do clique, foi também espectador da cena fotografada), bem como da sensibilidade do fotógrafo, mas também do espectador.

A foto não é apenas uma imagem (...) é também, em primeiro lugar, um verdadeiro ato icônico, uma imagem, se quisermos, mas em trabalho, algo que não se pode conceber fora de suas circunstâncias, fora do jogo que a anima sem comprová-la literalmente: algo que é, portanto, ao mesmo tempo

e consubstancialmente uma imagem-ato, estando compreendido que este 'ato' não se limita trivialmente apenas ao gesto da produção propriamente dita da imagem (o gesto da 'tomada'), mas inclui também o ato da sua recepção e de sua contemplação (Dubois, 2009 p. 15).

Nesta ótica, a fotografia jamais será algo neutro, meramente documental. Em outras palavras, as intenções do fotógrafo no seu ato fotográfico tanto realçam como podem recriar ou ressignificar a "imagem-ato". Numa relação com a teoria de Certeau, anteriormente apresentada, esse ato se utilizaria de "artes do fazer" sobre o cotidiano, para revelar, por exemplo, aspectos invisibilizados na sociedade.

Se conferirmos também ao espectador um papel central na imagem-ato, estabelecendo dimensão de sentido – o que evidencia o aspecto mediacional de significados da fotografia, mas também a fotografia como mediação da informação, como defendemos nesta pesquisa –, podemos recorrer a Didi-Huberman (1998), que entende o observador quase como um coautor, tendo em vista que, diante de uma imagem, o espectador cria um jogo íntimo e subjetivo de interpretações.

Dubois (2009) realça que a imagem fotográfica faz referência a uma realidade, sem ser exatamente um espelho. Utilizando os conceitos e estudos do filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce, Dubois explica que a fotografia possui um caráter indiciário ao se referir a uma realidade única, que existiu em um determinado momento da história e com a qual a imagem fotográfica está em permanente ligação existencial. De alguma forma, ela atesta a existência do seu referente, ao ser um traço (índice) indissociável da realidade. Sobre isso, Barthes (1984, p. 15) confirma: "a fotografia sempre traz consigo o seu referente [...] estão colados um ao outro, membro por membro."

Walter Benjamin (2012), embora enalteça o olhar do fotógrafo, também segue a linha quando ressalta que

[...] apesar de toda a perícia do fotógrafo, e de todo o planejamento da postura de seu modelo, o observador sente a necessidade irresistível de procurar nessa imagem a centelha do acaso, do aqui e agora, com a qual a realidade chamuscou a imagem, de encontrar o lugar imperceptível e que o futuro se aninha ainda hoje no ter sido assim desses minutos únicos" (Benjamin, 2012, p. 100).

Este pensamento é reforçado por Fabris (2007, p. 35) quando aborda que, mesmo em uma era digital em que as manipulações imagéticas são feitas em profusão, "a fotografia continua sendo vista como uma prova irrefutável de veracidade de um acontecimento, pela

maioria das pessoas”. No entanto, esta visão de imbricamento com o mundo real é contrastada por muitos outros estudiosos e teóricos.

Ao analisar a difícil tarefa de se fotografar o cotidiano, Martins (2019, p. 28) defende a fotografia como arte criadora: “a fotografia é muito mais um documento impregnado de fantasia, tanto do fotógrafo, quanto do fotografado, quanto do ‘leitor’ da fotografia, do que de exatidões próprias da verossimilhança”. Na mesma linha de raciocínio, Sontag (2004, p. 17) ressalta que “embora, em certo sentido, a câmera capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos”.

Trazendo o debate para o universo da fotografia da periferia, esta pesquisa entende a fotografia como uma imagem-ato, justamente por ser fruto de uma intenção clara dos fotógrafos periféricos de trazer um olhar próprio de seu mundo, desfazendo estigmas, realçando outros sentidos invisibilizados pelas demais mídias. Por exemplo, um retrato – e também uma retratação – de uma realidade pouco explorada destes espaços urbanos, uma fotografia que parte do tecido urbano da periferia, para nos revelar o cotidiano que contrasta o imaginário vigente que persiste na sociedade sobre estas comunidades socialmente vulneráveis, mas cheias de potências.

Ao mesmo tempo que são imagens que representam, muitas vezes numa linguagem documental, a realidade periférica – aspecto indiciário do real – são imagens que desprogramam e desvirtuam a ordem social historicamente propagada, porque há um claro intuito por trás das câmeras: contrapor a um imaginário estigmatizante. É a fotografia mediação cultural, resignificando sentidos; é ela sob a égide das mediações da informação contidas tanto nas fotografias, como nas suas intenções.

### **2.3 Fotografia como Mediação da Informação**

Para efeito dos objetivos desta pesquisa, tomamos como referencial teórico da Ciência da Informação (CI) o paradigma social, por este se dissociar da teoria matemática da informação e comunicação de Claude Shannon e Warren Weaver, hegemônica na década de 1960 e importante para o advento do campo da CI, mas que limitava o conceito de informação a uma perspectiva física, mecanicista e processual de transmissão de mensagens entre emissor e receptor, tratando este, inclusive, como elemento passivo no fluxo informacional.

Os fotógrafos periféricos, ao contrário, são claros exemplos de usuários participativos da informação, ao refutarem o discurso hegemônico que recai sobre seus territórios e

buscarem estabelecer um papel mediador, a partir do que a CI denomina como Competência Crítica da Informação. Assim, entende-se por “ferramenta essencial na construção e manutenção de uma sociedade livre, verdadeiramente democrática, em que os indivíduos fariam escolhas mais conscientes e seriam capazes de efetivamente determinar o curso de suas vidas” (Vitorino; Piantola, 2009, p. 136 *apud* Bezerra *et al.*, 2019, p. 59).

Indo além, mais do que usuários da informação, os fotógrafos periféricos são sujeitos que, numa epistemologia da identidade comunitária informacional, possuem, em concordância com a perspectiva de Rendón-Rojas e García-Cervantes (2012),

[...] una posición en el espacio socioinformacional concreto, al observar, reflexionar, analizar y actuar en la estructura social bajo una crítica profunda, al ser poseedor de un capital de información de coyuntura social, como un acto político para denunciar que el *status quo* contemporáneo requiere de una reestructuración; a partir del sentimiento de comunidad y reconocimiento del otro (Rendón-Rojas; García-Cervantes, 2012. p. 42).

Portanto, compreendemos a informação enquanto produto de uma ação humana inserida em ambiente de ordem histórica e sociocultural, que leva em conta aspectos semânticos, cognitivos e contextuais. Araújo (2018, p. 95) afirma que a “Informação, assim entendida, passa a ser algo vivo, dinâmico, e, principalmente, passa a ter ligação com uma determinada sociedade, uma determinada época, uma certa cultura”. Em consonância, salientamos a visão de Capurro e Hjørland (2007, p. 192) ao declarar que “Os critérios sobre o que conta como informação são formulados por processos socioculturais e científicos”.

Diante disso, refutamos neste trabalho – como a teoria matemática propõe – a unilinearidade e unidirecionalidade da informação, incluindo neste ponto o conceito de mediação que tem sido cada vez mais estudado pela literatura especializada da CI, sendo, no entanto, um conceito em evolução, na qual não se encontra o consenso, a depender das teorias aplicadas.

Mesmo não sendo um conceito fechado, notamos que algumas características se sobressaem nos estudos sobre mediação, entre elas o fato de que toda mediação é a presença de um terceiro entre dois que necessariamente se estabelece a partir de uma demanda informacional. O senso comum nos levaria a entender a mediação como algo meramente intermediário, uma ponte limitada a possibilitar o tráfego da informação.

No entanto, o paradigma social da CI nos traz uma outra perspectiva, em que toda mediação não é neutra, ao contrário, é uma ação de interferência no fluxo informacional que

ajuda a construir sentidos e apropriação de conhecimentos. Almeida Júnior (2015) em sua recente reformulação nos traz o conceito de mediação da informação como

Mediação da informação é toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais. (Almeida Júnior, 2015, p. 25)

O caráter transdisciplinar da Ciência da Informação e a sua clara proximidade com o campo das Ciências Sociais nos permite fazer uma ressalva a esta citação, compreendendo que a mediação pode não ser uma ação exclusiva do profissional da informação. Entendemos, por exemplo, que os fotógrafos das periferias atuam como mediadores da informação ao tentarem suprir uma demanda de visibilidade às potencialidades e necessidades de seus territórios.

Podemos citar como exemplo o ensaio “Projeto [sem nome]”, de autoria dos artistas e fotógrafos Leo Silva e Vitória Helen, cujo nome artístico é “Arth3mis”. A partir de entrevistas feitas com os moradores com atuação nas comunidades do Curió e Santa Filomena, em Fortaleza (CE), desenvolveram uma pesquisa visual e utilizaram a fotografia e o lambe-lambe para resgatar imagens e histórias “que dificilmente são retratadas nos programas televisivos, possibilitando assim fortalecer sentimentos de pertencimento, orgulho e afetividade nas pessoas dessas comunidades”. (Silva; Helen, 2022, p. 2).

Os fotógrafos da periferia parecem estabelecer uma relação dialógica e interacional com suas comunidades e, a partir daí, buscam representar imagetivamente os cotidianos que os cercam, mediando uma demanda reprimida da periferia por voz. Mediação esta estabelecida por meio de imagens-ato, isto é, intencional e jamais neutra, a partir de um olhar próprio de quem possui lugar de fala.

Salientamos que a fotografia, por guardar traço indiciário com a realidade fotografada, conforme teoriza Dubois (2009), é signo e, portanto, ela em si é também mediadora, pois ressignifica seu referente (coisa/mundo/cenário/ambiente/cotidiano), realçando outros sentidos, estabelecendo uma nova ordenação simbólica sobre os “objetos” fotografados, indicando outras simbologias e mediando esteticamente uma nova relação do espectador com a periferia. Tal pensamento é reforçado por Santaella e Cardoso (2020, p. 14) ao afirmarem que “as mediações primeiras vêm dos signos, eles mesmos coletivos por sua

própria natureza". Ou seja, o que advém da informação imagética vira ato mediacional entre a coisa representada e o sentido que traz ao receptor.

Sendo a mediação um ato que causa impacto na construção de sentidos, significados e conhecimentos, parece-nos possível compreender ainda a fotografia periférica como ferramenta de mediação cultural, ao ponto em que “cultura e informação são, pode-se dizer, fios de um mesmo tear, sentidos de uma mesa tessitura notadamente humana” (Mendonça; Feitosa; Dumont, 2019, p. 3).

Por cultura entendemos que esta é “toda complexidade de criações simbólicas, de sentidos e significados que damos às coisas e ao mundo” (Feitosa, 2016, p. 102), ou seja, um conjunto de crenças, valores, costumes e ideias existentes que são assimilados e interpretados em uma coletividade (Thompson, 1995). Assim, se os jovens fotógrafos da periferia buscam não negar a violência e a desigualdade social da favela, mas ampliar o sentido crítico e coletivo sobre os territórios em questão, é possível compreender que estamos diante de fenômenos não apenas informacionais, mas também culturais.

A mediação subsidia a construção de procedimentos de pertencimento e identidade culturais que, a partir do jogo de linguagem, possibilita o uso e a apropriação dos elementos constitutivos da cultura e a formação de uma estrutura político-institucional (Silva, 2015, p. 99).

É nessa perspectiva – e em tantas outras presentes na literatura da Ciência da Informação sobre a qual nos debruçamos – que entendemos que nesse jogo de linguagens, nessas propostas estéticas e nas complexas intenções dos fazeres fotográficos temos atos de mediacionais da informação que provocam, promovem e potencializam significados. As fotografias e suas possibilidades de leitura; os muitos sentidos nelas presentes e as intencionalidades por trás das imagens são ações de informação que mediam nosso entendimento do mundo.

Percebemos, enfim, que as possibilidades medicacionais do objeto de estudo em questão são muitas. Se não, vejamos algumas destas possibilidades: o fotógrafo nascido e criado na comunidade tem elementos para representar fotograficamente seu território com signos. Ele é, portanto, o mediador da comunidade, porque esta se sente contemplada com seu fazer fotográfico. A sua fotografia, especialmente quando inserida em um contexto de ensaio e exposição – isto é, onde se estabelece uma narrativa visual mais completa e contextualizada –, é mediadora das intenções pensadas pelo fotógrafo. Já a comunidade é mediadora em relação ao discurso que será apreendido e retroalimentado pelo fotógrafo.

Isso não tira dessas ações aspectos da mediação da informação em si, presentes nas fotografias. No entanto, esses diálogos entre essas complexas formas de mediação no objeto a ser estudados serão decisivos na nossa empreitada de associar o complexo mundo da fotografia em cotidianos periféricos às “complexas mediações” (Feitosa, 2016) presentes neste contexto que buscam estabelecer uma relação diferente da sociedade com as periferias e suas potencialidades.

#### **4 METODOLOGIA**

Para investigar como os fotógrafos da periferia utilizam a fotografia como instrumento de afirmação e disseminação/mediação de informação capaz de construir uma nova visão sobre o local onde moram, utilizaremos a pesquisa de natureza exploratória e qualitativa, a partir de um levantamento bibliográfico e de uma revisão de literatura que possa englobar os contextos e campos teóricos e conceituais da pesquisa. Segundo Bentes Pinto e Cavalcante (2015, p. 15) “sem essa etapa da pesquisa, é impossível conhecer o estado da arte dos temas que motivaram a escolha do objeto de estudo.”

Para a pesquisa sobre as fotografias e suas possibilidades empíricas, realizaremos em um primeiro momento uma pesquisa documental e bibliográfica, almejando a análise das imagens produzidas pelos fotógrafos, bem como de suas redes sociais e páginas.

Posteriormente, também será realizada uma pesquisa de campo junto aos fotógrafos em questão, por meio de entrevistas individuais e imersão nas periferias representadas por eles. A depender dos encaminhamentos metodológicos do mestrado, podemos ainda realizar a metodologia do grupo focal, com gravação dos possíveis encontros e posteriores avaliações das discussões sobre temas relacionados aos objetos fotografados e as intenções dos fotógrafos. Esta etapa pode facilitar a compreensão das circunstâncias sociais em que estes fotógrafos atuam, bem como a intencionalidade dos atos fotográficos produzidos por eles.

#### **5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

Considerando os aspectos discutidos ao longo do artigo, podemos chegar a algumas considerações, mesmo que breves, sobre o estudo. Embora seja uma pesquisa em seu estágio inicial, algumas marcas da problematização do fenômeno investigado já se apresentam. Uma delas contempla o que uma das teorias realça: a fotografia a serviço de ações mediacionais pautadas num “novo regime de visualidade” do cenário periférico urbano, conforme discurso

das exposições fotográficas. De modo igual, a proposta fotográfica de dentro para fora da periferia, ordenando novas possibilidades de olhares e expondo esses olhares com vistas a desfazer ou minimizar estigmas.

As pesquisas iniciais advindas dos primeiros contatos com os fotógrafos, com suas produções fotográficas documentadas ou em exposições e divulgações pela mídia já configuram um escopo seguro para responder às questões de partida desta pesquisa. Do mesmo modo, as periferias de onde os fotógrafos estão ou de cujas são suas origens. Trata-se de espaços de muita representação estigmatizante, quer pela mídia ou pelos imaginários da cidade, portanto, ambiências e aspectos da pesquisa que já se encontram à mostra para análises, conforme os objetivos de pesquisa estabelecidos.

A análise das linguagens, das estéticas, das propostas fotográficas dos fotógrafos em seus álbuns, portfólios ou exposições também já se oferecem a esta pesquisa, com possibilidades de práticas leitoras diversas e capazes de confrontar as visões estigmatizadas dos “outros” com o olhar familiar dos fotógrafos que ali vivem e as relações hedônicas que essas fotos estabelecem com os sujeitos dessas periferias. As marcas mediacionais do que vimos falando neste trabalho já se configuram, em linhas gerais, no próprio cenário em que fotografia e periferia dialogam e entram em crise.

De um lado, as marcas indelévels das representações históricas, socioculturais e midiáticas, hegemônicas em representações estigmatizantes ou de incompreensão das culturas, cotidianos e imaginários dessas periferias. De outro, a força simbólica que esses lugares têm, somada às propostas estéticas dos fotógrafos e suas fotografias treinadas e orientadas por um viés de múltiplas possibilidades mediacionais aqui circunscritas à mediação cultural e da informação.

Estas são marcas presentes nos textos curatoriais das exposições fotográficas, nas entrevistas dadas pelos fotógrafos, nos registros de opinião de quem vê as fotografias em espaços museais, nas recepções e percepções positivas dos sujeitos das periferias, em diálogos e convivência com os fotógrafos, e segundo depoimentos extraoficiais deles para esta pesquisa, que serão aprofundados pelas entrevistas futuras.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (Org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. 278p. p. 9-32.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.
- BALTAR, Luiz. Como a fotografia humanista se reinventou na favela. *In*: BOMFIM, Maria Inês; RUMMERT, Sonia Maria (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos, formação humana, cultura e arte**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2022. p. 89-119.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENTES PINTO, Virginia; CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Pesquisa Bibliográfica e Documental: o fazer científico em construção. *In*: BENTES PINTO, Virginia; Vidotti, Silvana Aparecida Borsetti Gregório; CAVALCANTE, Lidia Eugenia. **Aplicabilidades Metodológicas em Ciência da Informação**. Fortaleza: Edições UFC, 2015. p.15-34.
- BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; PIMENTA, Ricardo; SALDANHA, Gustavo. **iKritika: estudos críticos em informação**. (e-book). Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2019. Disponível em: [https://zenodo.org/records/3904603/files/iKr%C3%ADtika\\_Livro.pdf?download=1](https://zenodo.org/records/3904603/files/iKr%C3%ADtika_Livro.pdf?download=1). Acesso em 12 set. 2024.
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. Tradução: Ana Maria Pereira Cardoso, Maria da Glória Achtschin Ferreira e Marco Antônio de Azevedo. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22360>. Acesso em: 11 set. 2024.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. 3.ed. Petrópolis, Vozes: 1998.
- D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. Orientadora: Profa. Dra. Vera da Silva Telles. 2013. 309 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/en.php>. Acesso em 14 set. 2024.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. 12. ed. Campinas: Papyrus, 2009.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB  
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

FABRIS, Annateresa. Discutindo a imagem fotográfica. **Revista Domínio da Imagem**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 31-41, 2007. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/19252>. Acesso em: 13 jan. 2025.

FEITOSA, Luiz Tadeu. Complexas mediações: transdisciplinaridade e incertezas nas recepções informacionais. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 98-117, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/3064/2695>. Acesso em: 11 set. 2024.

FREITAS, Guaciara Barbosa de. **A relação entre mídia e periferia**: um estudo sobre o projeto da Central da Periferia da TV Globo. Orientador: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado. 2011. 252f. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação), Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4272>. Acesso em: 14 set. 2024.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

MATOS, Jusciane. Uma cartografia da desigualdade. *In*: GOES, Fernanda Lira Goes; VIEIRA, Maria Gabriella Figueiredo; REIS, Talita Rocha; OLIVEIRA, Flávia Adriane Pestana de; LUNELLI, Isabella Cristina (Orgs.). **Atlas das periferias no Brasil**: aspectos raciais de infraestrutura nos aglomerados subnormais. Rio de Janeiro: Ipea, 2021. p. 15-17. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/11050?mode=full>. Acesso em: 16 set. 2024.

MENDONÇA, Ismael Lopes; FEITOSA, Luiz Tadeu; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Por uma relação cultural com a informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/498>. Acesso em: 12 set. 2024.

OLIVEIRA, Taciana. **Serrinha Luz e Cores, exposição de Yuri Juatama**. Mirada, 2020. Disponível em: <https://www.miradajanela.com/2020/06/serrinha-luz-e-cores-exposicao-de-yuri.html>. Acesso em: 16 set. 2024.

REIS FILHO, Osmar Gonçalves dos. Imagens insurgentes: notas sobre a fotografia urbana no Ceará. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 13, n. 22, p. 107–127, 2017. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/30299>. Acesso em: 16 set. 2024.

RENDÓN-ROJAS, Miguel Angel; GARCÍA-CERVANTES, Alejandro. El sujeto informacional en el contexto contemporáneo. Un análisis desde la epistemología de la identidad comunitaria-informacional. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 30–45, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17n33p30>. Acesso em: 16 set. 2024.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB**  
**Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

REVISTA ZUM. **15 anos de história da Escola de Fotógrafos Populares**. Revista Zum, Instituto Moreira Salles, São Paulo, 28 jan. 2020. Disponível em:  
<https://revistazum.com.br/entrevistas/escola-de-fotografos-populares/>. Acesso em: 11 set. 2024.

SANTAELLA, Lúcia, CARDOSO, Tarcísio. Mediação segundo Peirce e Latour. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 14, n. 3, p. 5–21, 2020. Disponível em:  
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/31001>. Acesso em: 12 set. 2024.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Percepções conceituais sobre mediação da informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, Brasil, v. 6, n. 1, p. 93–108, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/89731>. Acesso em: 12 set. 2024.

SILVA, Leo; HELEN, Vitória. **Projeto [sem nome]**. Fortaleza: Mapa Cultural Secult; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2022. Disponível em:  
<https://mapacultural.secult.ce.gov.br/files/agent/11866/sem-nome-compressed.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2024.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.